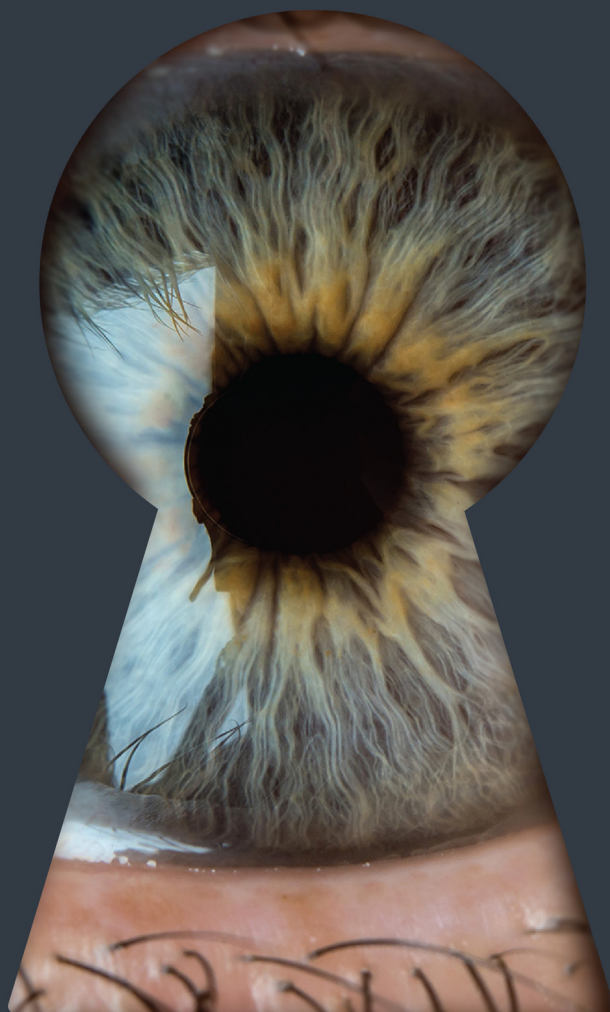


VOL VI

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juárez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2023

VOL VI

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juárez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2023



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadores	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballedo, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México

Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, *Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal*
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil*
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, *Instituto Politécnico da Guarda, Portugal*
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, *Universidade São Francisco, Brasil*
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, *Universidade Federal do Amazonas, Brasil*
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, *Universidade de Évora, Portugal*
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, *UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil*
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godínez, *Universidad Autónoma de Baja California, México*
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Díaz, *Instituto Politécnico Nacional, México*
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil*
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, *Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil*
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, *Universidade Federal de Goiás, Brasil*
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, *Universidade de Passo Fundo, Brasil*
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, *Universidade Federal de Itajubá, Brasil*
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, *Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil*
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, *Universidade Federal de Sergipe, Brasil*
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, *Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, *Universidade Federal da Bahia, Brasil*
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, *Universidade Federal do Maranhão, Brasil*
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil*



Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.^a Dr.^a Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University*, Russia
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol VI / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-80-4

DOI 10.37572/EdArt_280523804

1. Ciências humanas. 2. Desenvolvimento humano. 3. Sociologia.
I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

Nuevamente tenemos la posibilidad de encontrarnos a través de una publicación, con docentes-investigadores que inquietos por divulgar resultados de sus investigaciones, los reúne la Editora Artemis, en este sexto volumen de la obra titulada ***Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade***. Por nuestra parte, esto significa un acompañamiento desde la organización de los trabajos, teniendo el gran honor que dicha editora nos confía.

El reconocimiento a las prácticas sociales, como una herramienta en la enseñanza histórica y cultural, ha venido ganando terreno en las últimas décadas. Así logra convertirse en un aporte al fortalecimiento en el proceso de enseñanza de disciplinas humanísticas, sociales, exactas y naturales, al tiempo que constituye la esencia de la conservación de saberes culturas, que necesitan del conocimiento escolar y extraescolar.

Aquí se reúnen trabajos de diversos orígenes en cuanto a disciplinas, como de regiones del planeta, que desarrollan propuestas en busca del mejoramiento del aprendizaje, entre ellos de la geografía mediante la geografía cultural, la química, la matemática, idiomas extranjeros, la educación infantil, antropología, entre otras, usando diversos recursos en donde el saber cultural permite conservar costumbres de las regiones. Los aportes históricos, con logros de personalidades de las ciencias, sus pensamientos y descubrimientos, no escapa a las investigaciones sociales, históricos y culturales, aquí desarrolladas.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

PRÓLOGO

Mais uma vez temos a possibilidade de nos encontrarmos por meio de uma publicação, com professores-pesquisadores que, ansiosos por divulgar os resultados de suas pesquisas, são reunidos pela Editora Artemis, neste sexto volume da obra intitulada *Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade*. De nossa parte, isso significa um acompanhamento desde a organização dos trabalhos, tendo a grande honra que o referido Editora Artemis nos confia.

O reconhecimento das práticas sociais, como ferramenta no ensino histórico e cultural, vem ganhando espaço nas últimas décadas. Assim, consegue se tornar uma contribuição para o fortalecimento do processo de ensino das disciplinas humanísticas, sociais, exatas e naturais, ao mesmo tempo em que constitui a essência da conservação do saber cultural, que necessita de saberes escolares e extracurriculares.

Aqui se encontram trabalhos de origens diversas em termos de disciplinas, como regiões do planeta, que desenvolvem propostas em busca da melhoria do aprendizado, entre elas a geografia através da geografia cultural, química, matemática, línguas estrangeiras, educação infantil, antropologia, entre outras, utilizando diversos recursos onde o conhecimento cultural permite preservar os costumes regionais. As contribuições históricas, com as conquistas de personalidades das ciências, seus pensamentos e descobertas, não escapam às investigações sociais, históricas e culturais aqui desenvolvidas.

Esperando que estas obras sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....1

REFLEXÕES TEÓRICAS E QUESTÕES PRÁTICAS PARA UMA PEDAGOGIA HOLÍSTICA: O PROJETO LUSÓFONO COM CRIANÇAS E FAMÍLIAS BILÍNGUES EM CONTEXTO MIGRATÓRIO NA ALEMANHA

Helza Ricarte Lanz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238041

CAPÍTULO 2.....17

LA GEOGRAFÍA CULTURAL DE LA CIUDAD DE TOLUCA, UN ACERCAMIENTO A LA CULTURA INMATERIAL DESDE UNA VISIÓN SIMBÓLICA

Agustín Olmos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238042

CAPÍTULO 3.....32

EL USO DE KAHOOT PARA MOTIVAR EL APRENDIZAJE DE IDIOMAS

Bertha Guadalupe Rosas Echeverría

Gabriela Madrigal Barragán

Paola Delfina Chew Pego

Angel David Bustos Núñez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238043

CAPÍTULO 4..... 39

EDUCAÇÃO E ANTROPOLOGIA: ALGUMAS BREVES NOTAS

Hugo Oliveira

Jorge Bonito

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238044

CAPÍTULO 5.....55

ENSINO DA DEFORMAÇÃO DAS ROCHAS: CONTRIBUTOS DAS ATIVIDADES PRÁTICAS

Jorge Bonito

Hugo Oliveira

Celso Dal Ré Carneiro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238045

CAPÍTULO 6..... 90

ENSEÑANZA HÍBRIDA EN EL DESARROLLO DE HABILIDADES DE INTERVENCIÓN EN PSICOLOGÍA: EVALUACIÓN METODOLÓGICA Y CONCEPTUAL

Luis Fernando González Beltrán

Olga Rivas García

Guadalupe Mares Cárdenas

Elena Rueda Pineda

Héctor Rocha Leyva

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238046

CAPÍTULO 7 100

MUSIC AND ACADEMIC PERFORMANCE IN STUDENTS OF A PERUVIAN PUBLIC UNIVERSITY

Antonia del Rosario Sánchez Gonzales

Marco Antonio Bazalar Hoces

Víctor Marcelino López Lino

Raúl Eleazar Arias Sánchez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238047

CAPÍTULO 8..... 109

INNOVACIÓN Y TECNOLOGÍA EDUCATIVA EN LA PRÁCTICA DOCENTE: EXPERIENCIAS DE PROYECTOS INNOVADORES DE EDUCACIÓN SUPERIOR EN LA UNALM- PERÚ, PERIODO 2010-2019

Jorge Alfonso Alarcon Novoa

Elva María Ríos Ríos

Rosa Angela Calderón Zárate

Diego Armando Párraga Leythh

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238048

CAPÍTULO 9..... 119

TEJIDOS EDUCATIVOS DESDE LA EDUCACIÓN POPULAR: CONSTRUYENDO CAMINOS DE CONVIVENCIA Y ESPERANZA

Magda Alicia Ahumada

Stella Pino Salamanca

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2805238049

CAPÍTULO 10.....135

ANÁLISIS DE LA INTERACCIÓN DOCENTE-ALUMNO COMO VÍNCULO CLAVE PARA EL APRENDIZAJE

María Laura Muruaga
María Gabriela Muruaga
Cristian Andrés Sleiman

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380410

CAPÍTULO 11.....147

MODELIZACIÓN DINÁMICA: SIMULACIÓN DEL PROCESO DE APRENDIZAJE POR MODELOS COMPARTIMENTADOS DISCRETOS

Gustavo Adolfo Juarez
Noelia Saleme
Silvia Inés del Valle Navarro
Luis Ernesto Valdez
María Luz del Valle Quiroga
Sonia Laura Mascareño

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380411

CAPÍTULO 12.....154

MODELIZACIÓN DINÁMICA DEL RENDIMIENTO ENTRE ASIGNATURAS CORRELATIVAS MEDIANTE MODELOS COMPARTIMENTADOS DISCRETOS

Deborah del Carmen Turraca
Pedro José Salim Rosales
Anabela Beatriz Serrano
Silvia Inés del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380412

CAPÍTULO 13.....163

DESARROLLO COGNITIVO INFANTIL Y SU EVALUACIÓN EN ETAPAS PREESCOLARES

Miguel Alberto Montañez Romero
Liney Mendez Escallon

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380413

CAPÍTULO 14.....172

MÉTRICAS ALTERNATIVAS COMO MÉTODO DE INVESTIGACIÓN

Nelson Javier Pulido Daza

Linamaria Pinzón Valencia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380414

CAPÍTULO 15..... 189

RELACIÓN E IMPACTO CLÍNICO DEL INSOMNIO A CORTO Y LARGO PLAZO EN LA SALUD MENTAL DE LOS ESTUDIANTES

Martha Rosales Aguilar

José Luis Lugo Balderas

Manuel Alejandro López Ortega

María de los Remedios Sánchez Díaz

Paris Astrid Mier Maldonado

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380415

CAPÍTULO 16..... 198

EGAS MONIZ E A ORDEM MORAL

Manuel Correia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380416

CAPÍTULO 17.....204

A ADOLESCÊNCIA E A RELAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS NO SÉCULO XXI: UM ESTUDO QUALITATIVO

Sandra Ribeiro Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380417

CAPÍTULO 18.....218

NODOS CRÍTICOS Y POTENCIALIDADES EN LAS COOPERATIVAS SOCIALES

Clara Betty Weisz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380418

CAPÍTULO 19.....229

O RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS E A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Fernando Neves

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380419

CAPÍTULO 20244

AFROMEXICANOS: DESCOLONIALIDAD Y SOCIOETNOGÉNESIS

Gabriel J Saucedo Arteaga

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380420

CAPÍTULO 21265

ANÁLISE SOBRE A CONSTITUIÇÃO DAS ONGS BRASILEIRAS A PARTIR DOS CONCEITOS DE CAPITAL SOCIAL E REDES SOCIAIS

Rodrigo Guimarães Motta

Francisco José Turra

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380421

CAPÍTULO 22 278

LA GÉNESIS DE LA IDEA DE VOLUNTAD, UN TRÁNSITO NECESARIO PARA LLEGAR A LA LIBERTAD EN LA INTRODUCCIÓN DE LA FILOSOFÍA DEL DERECHO DE HEGEL

Teresa Evita Concha López

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380422

CAPÍTULO 23290

WITTGENSTEIN Y LA CUESTIÓN EL REALISMO

María Sol Yuan

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380423

CAPÍTULO 24307

ALGUNOS APUNTES SOBRE LA CORRIENTE MERCANTILISTA EN LA HISTORIA DE LA ECONOMÍA OCCIDENTAL

Antonia del Rosario Sánchez Gonzales

Marco Antonio Bazalar Hoces

Víctor Marcelino López Lino

Raúl Eleazar Arias Sánchez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380424

CAPÍTULO 25317

NUEVO MODELO DE CIUDADES INTELIGENTES PARA EL ESTADO DE TAMAULIPAS,
MÉXICO, 2023

Giuseppe Francisco Falcone Treviño

Zaida Leticia Tinajero Mallozzi

Joel Luis Jiménez Galán

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380425

CAPÍTULO 26330

EL BIENESTAR EN EL ESTADO BOLÍVAR DESDE LA PERSPECTIVA DE LAS MUJERES

Aiskel Andrade Montilla

Jesús Medina Maldonado

Otaiza Cupare Castro

Marian Ojeda Carrillo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380426

CAPÍTULO 27 340

LA AMISTAD QUE NOS LEGÓ UN SÍMBOLO PATRIO: MANUEL BELGRANO Y LA
FAMILIA ECHEVARRIA

Silvina Balma

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380427

CAPÍTULO 28351

EL TRIÁNGULO BRITÁNICO DE CONTROL GEOPOLÍTICO EN EL ÍNDICO Y EL
ATLÁNTICO: EL PELIGRO CHINO

Javier Fernando Luchetti

 https://doi.org/10.37572/EdArt_28052380428

SOBRE OS ORGANIZADORES361

ÍNDICE REMISSIVO362

CAPÍTULO 20

AFROMEXICANOS: DESCOLONIALIDAD Y SOCIOETNOGÉNESIS

Data de submissão: 14/04/2023

Data de aceite: 05/05/2023

Gabriel J Saucedo Arteaga

Instituto Nacional de Ciencias

Médicas y Nutrición

Salvador Zubirán

<https://orcid.org/0000-0001-9208-4763>

RESUMEN: Objetivo: demostrar que la población denominada afromexicana, ha vivido una diversa experiencia de procesos históricos; en contextos comunitarios, grupales o individuales, que le facilitan constituirse en una nueva etnia. Metodología y aproximación teórica: selección y definición de conceptos, para la construcción sociohistórica, en un marco de descolonización. La aproximación teórica es la historia social; la experiencia individual, familiar y comunitaria son las unidades de observación y análisis. Observación participante, entrevistas, y documentos sobre algunas regiones, de los estados de Veracruz, Oaxaca, Guerrero. Resultados: selección y análisis de los elementos de la etnia/etnogénesis y factores externos. La operacionalización de procesos y sus referentes empíricos -testimonios-, así como de la experiencia comunitaria e individual en cada región. Limitaciones: no se ha recibido retroalimentación de las comunidades.

Originalidad: una historia social, no lineal, retrospectiva, para construir el pasado, a partir del presente. Conclusiones: los afromexicanos son actores del presente y pueden construir su pasado y futuro. La socioetnogénesis es un proceso alternativo, resultado de las demandas por los derechos económicos, sociales y culturales. Un proceso de descolonización en relación con el Estado; en el contexto de reconocimiento a las diferencias. La auto adscripción, toma de conciencia social y reconocimiento como pueblos negros han sido impulsados por los nuevos escenarios y experiencias. El territorio, las relaciones de parentesco y las características físicas están en un proceso que articula muchas experiencias, para la construcción de la etnogénesis de los negrodescendientes en México.

PALABRAS CLAVE: Afrodescendientes. Descolonización. Grupo étnico. Historia social.

AFROMEXICANS: DECOLONIALITY AND SOCIOETHNOGENESIS

ABSTRACT: Objective: to demonstrate that the so-called Afro-Mexican population has lived a diverse experience of historical facts and processes; in community, group or individual contexts, which make it easier for them to become a new ethnic group. Methodology and theoretical approach: selection and definition of concepts, for the socio-historical construction, in a framework of decolonization. The theoretical approach is social history; individual, family and community

experience are the units of observation and analysis. Participant observation, interviews, and documents on some regions of the states of Veracruz, Oaxaca, Guerrero. Results: selection and analysis of the elements of ethnicity/ethnogenesis and external factors. The operationalization of the processes and their empirical references, as well as the operationalization of the community and individual experience in each region. Limitations: no feedback has been received from the communities. Originality: a social, non-linear, retrospective history, to build the past, starting from the present. Conclusions: Afro-Mexicans are actors of the present and can build their past and future. Socio-ethnogenesis is an alternative process, the result of demands for economic, social and cultural rights. A process of decolonization in relation to the State; in the context of recognition of differences. Self-ascription, social awareness and recognition as black peoples have been driven by new scenarios and experiences. The territory, kinship relationships and physical characteristics are in a process that articulates many experiences, for the construction of the ethnogenesis of black descendants in Mexico.

KEYWORDS: Afrodescendants. Decolonization. Ethnic group. Social history.

1 INTRODUCCIÓN

Desde las perspectivas histórica, etnohistórica y demográfica ha sido documentado el ingreso de la población africana a la Nueva España, durante el proceso colonial (Aguirre 1946). Esta población fue distribuida por la mayor parte del territorio (Martínez 1995). Desde entonces la relación más frecuente de los africanos y afrodescendientes ha sido con las poblaciones indígenas originarias. Después de casi 500 años, la nación mexicana es considerada una población mestiza (Zermeño-Padilla 2008)¹ resultado de la mezcla entre indígenas y españoles; que reconoce sin embargo la existencia y permanencia de pueblos indígenas originarios. La historia también ha demostrado la participación de la población afrodescendiente, en el proceso de conformación de la nación mexicana, por lo cual hoy lucha por ser visibilizada y reconocida (Velázquez y Correa 2005).

El objetivo de este trabajo es demostrar que la población denominada afromexicana, ha vivido una diversa experiencia de hechos y procesos históricos; en contextos comunitarios, grupales o individuales, que le facilitan constituirse en una nueva etnia con características propias. Es decir, que alternativamente puede constituirse en una etnia, en el sentido teórico y operativo del término, con datos de estudios históricos, etnohistóricos; pero especialmente con experiencias documentadas y observadas. Con esta base, propondremos la operacionalización² de procesos para la construcción sociohistórica de la etnogénesis afromexicana.

¹ Hay otra perspectiva de mestizo/mestizaje como: mito fundador de la nación y creación político-ideológica de la Revolución Mexicana para explicar los intercambios culturales entre grupos diversos; esencia de la identidad y nacionalidad mexicana.

² Desagregación de los conceptos / variables, en elementos concretos-indicadores-: cualidades / características de un objeto o evento, observable, medible, valorable; así el indicador puede ser identificado por otros observadores.

2 METODOLOGÍA

La recolección de información estuvo basada en: observación participante, entrevistas, recorridos y revisión de documentos sobre las regiones, comunidades, familias y personas consideradas afroamericanas. Fue una etnografía extensa, regional para buscar y observar datos empíricos; entre regiones o comunidades y tratamos que los datos fueran complementarios. Las preguntas iniciales fueron: ¿quiénes son y dónde están los afroamericanos? Para tener una definición operativa de la población afroamericana por su condición histórica, no biológica, consideramos que son:

comunidades o regiones en 1) donde históricamente se ha documentado la presencia de población negra, esclava, africana, para realizar actividades tales como: la minería, el cultivo de la caña de azúcar, el tabaco, el algodón y la ganadería; 2) haya habido en el pasado o que existan en el presente, movimientos sociales o políticos de reivindicación de la población negra, afrodescendiente o afroamericana; 3) las familias se autoadscriban como afroamericanas, afrodescendientes, o negras; 4) sean identificadas por instituciones – de gobierno, salud, fundaciones etc.- o por sus comunidades vecinas como: de población afrodescendiente, afroamericana o negra (Saucedo-Arteaga y Aguilar-Salinas 2015).

El trabajo fue realizado en 20 comunidades rurales de dos regiones a) en los municipios de Cuitláhuac, Veracruz; b) Santo Domingo de Armenta y Santiago Tapextla, Oaxaca; y Cuajinicuilapa, Guerrero. De 500 unidades domésticas que participaron en estudios anteriores (Saucedo, García y Virgen 2008) unas fueron visitadas en sus hogares, a otros se les invitó a una entrevista individual o en grupos. Las visitas de reconocimiento y trabajo de campo ocurrieron de manera intermitente y por periodos de entre una y dos semanas por más de siete años (2007-2014). En cada comunidad se contó con colaboradores locales: profesores, personal de salud y promotores culturales, entre otros.

Para captar el proceso histórico de la etnogénesis hicimos 1) selección de conceptos y resumen de los estudios sobre: la cuestión étnica, etnia y etnogénesis, trayectoria crítica del concepto etnogénesis y la descolonización. 2) Operacionalización de los procesos con sus referentes o testimonios empíricos. 3) Operacionalización de la experiencia como unidad de observación, que fue identificada y registrada en diferentes niveles: individual, familiar, grupal y regional. Para cada nivel de experiencia fueron descritos sus referentes o testimonios empíricos y la fuente de información. Los referentes empíricos no son estrictamente correspondientes o indiscutibles, -más bien incompletos e imperfectos- pero permiten un diálogo con los conceptos teóricos. Los referentes son considerados datos portadores de estructura: eslabones de una serie horizontal de relaciones (Illades 1997).

3 ELEMENTOS TEÓRICOS

Partimos de una perspectiva materialista, histórica/ dialéctica y por lo tanto, concebimos a la población afroamericana como parte de un proceso: en constante movimiento, con cambios paulatinos o saltos cualitativos, contradicciones y negaciones en una lucha de contrarios. Consideramos a la historia social, como “la disciplina del contexto y del proceso” (Illades 1997, 15), voluntades individuales “que actúan, con, sobre y contra cada familia, grupos y comunidades- voluntades colectivas-; es el producto de cambios de mentalidades, formas de entender el mundo; descontentos, malestares, presiones o temor acumulados por mucho tiempo de un individuo o un grupo social. Es el estudio de procesos con sujetos” (Thompson 1981, 135, 362).

La experiencia³ es la categoría de análisis y el individuo, la familia, el grupo y la comunidad: las unidades de observación. Son experiencias que están entretejiéndose entre quienes son, se sienten o quieren ser parte del grupo de afroamericanos “...una serie lateral de relaciones no solo sociales, sino también ideológicas, económicas y políticas” (Illades 1997, 11). “...la experiencia no es una fase del conocimiento de nivel bajo, ideológicamente contaminado, en las personas comunes. ...la experiencia es válida y efectiva; surge porque las personas son racionales y piensan acerca de lo que les ocurre a ellos y a su mundo” (Thompson 1981, 19).

3.1 DESCOLONIZACIÓN

En los países que han sido colonizados por Europa, aun después de lograr su independencia quedaron muchos elementos locales, rasgos y agentes coloniales que tienen un gran peso en la conformación de la vida y cultura nacional: los pueblos originarios, los pueblos introducidos, los descendientes, los mestizajes; además de los bienes nacionales, los capitales extranjeros, la nueva burguesía, el idioma, la religión; es decir, una variedad de factores ideológicos, económicos, políticos y sociales. Fanon y otros intelectuales antillanos argumentaron sobre un proceso descolonial necesario, para la: liberación nacional, renacimiento o la devolución de la nación al pueblo. “El objetivo es, eliminar todo vestigio de las estructuras coloniales para empezar a recrear a su país. El pueblo en su lucha construye una nueva realidad, liberándose del colonialismo del saber y ser para operar la descolonialidad” (Mignolo 2009, 311). La descolonización como acción/ proceso para construir nuevos sujetos en espacios concretos; para la substitución de nombres, de sentidos se presenta como una sociogenia, para abrir las posibilidades; la cultura nacional y la conciencia social (De Oto 2009).

³ La experiencia es parte de la demostración en el discurso científico (Thompson, 1981).

La cuestión racial y la negritud fueron planteadas como resultado del proceso evolutivo de la especie humana y el desarrollo individual. Según Freud,

para superar la pérdida de identidad del hombre negro, es necesario pasar de una explicación filogenética a una explicación ontogenética [...] Por su parte, Fanon argumenta que se requiere llegar a una explicación sociogenética, sobre la base de la experiencia histórica [...]; considera también que todos los problemas sociales tienen que ser situados en el contexto histórico de las relaciones de poder; y lo ideal es que el presente sirva siempre para construir el porvenir (Fanon 2009, 55:44–46).

Comprender la realidad del negro requiere de la comprensión del proceso de dominación y explotación: tanto a nivel estructural como a nivel de la subjetividad. Pero subraya: “De ninguna forma debo dedicarme a hacer revivir una civilización negra injustamente olvidada. No me hago el hombre de ningún pasado. No quiero cantar el pasado a expensas de mi presente y mi provenir” (p.187). Él es crítico ante el objetivo de conformar una identidad cultural, independiente de la lucha política por la liberación nacional; “hay que pasar de la conciencia nacional a la conciencia política y social”⁴ (p.34).

3.2 CUESTIÓN ÉTNICA

Stavenhagen (1992) considera que: todos los pueblos están formalmente incorporados a un territorio, que es reclamado por un Estado. Si bien los pueblos o etnias pueden ser anteriores a los estados nacionales actuales, ahora, sólo en el marco de éstos surge la cuestión étnica. Así mismo,

la mayoría de los países son multiétnicos [...] La población está dividida en grupos heterogéneos, caracterizados por determinados atributos étnicos [...] También, las relaciones entre etnias, no pueden hacerse más que en referencia directa o indirecta del Estado [...] La cuestión étnica se refiere a los problemas de las etnias en relación con los Estados territoriales, tales como éstos se han constituido a lo largo de la historia [...] Los grupos se distinguen por sus características étnicas; en procesos históricos se forman y adquieren sus identidades [...] Algunos pueblos tienen un origen antiguo y continuidad hasta la actualidad [...] Otros tienen un comienzo más reciente y su proceso aún continúa [...] Otros más, que alguna vez existieron, han desaparecido [...] las etnias modernas son resultado de cambios estructurales en los países, sobre todo durante el período colonial; numerosas etnias africanas son producto de las transformaciones iniciadas por el colonialismo. (Amselle y M'Bokolo 2005), Citado por (Stavenhagen 1992, 54).

Las etnias son grupos culturales basados en estructuras sociales (instituciones y relaciones sociales); y la relación de factores internos y externos. Para identificar a las etnias generalmente se utilizan:

⁴ La conciencia política, como aptitud social para interpretar las corrientes emocionales de un colectivo y sus relaciones de poder. El conocimiento que una persona tiene sobre el estado de los demás integrantes de su comunidad; consiente de como el entorno puede favorecer o perjudicar el desarrollo de las personas.

1.- Criterios objetivos, como: lengua, religión, organización social, límites o fronteras sociales (Barth 1976), cultura y territorio, - a mayor relación con el territorio, mayor será la identidad étnica de un grupo-.

En algunos casos, uno solo de los elementos puede ser suficiente para identificar a una etnia, pero comúnmente se presentan en combinación y se refuerzan mutuamente. Lo importante es que el elemento considerado tenga significado para los miembros del grupo y que sea a su vez reconocido por el resto de la sociedad o por otros grupos como determinante en la identificación de la etnia [...] Las características objetivas son determinantes para orientar la conducta colectiva de quienes los comparten, entre propios y extraños (Stavenhagen 1992, 61).

2.- Criterios subjetivos de identidad, fundamentales para la existencia de una etnia:

Conciencia [...] de pertenencia e identificación con el grupo (identidad), la internalización de los valores y símbolos compartidos [...] las creencias comunes relativas a los orígenes, las características, la especificidad y el destino del grupo [...] Algunos [...] se refieren a la etnicidad como una especie de parentesco y el grupo étnico como un grupo de parentesco extendido [...] puede ser real, de sangre, o ficticio, lo cual es más común (Stavenhagen 1992, 63).

3.3 ETNIA Y ETNOGÉNESIS

Desde la perspectiva sistémica de Gumiliev⁵ “la etnia es un colectivo humano que se opone a todos los otros colectivos; más o menos estable, que surge y desaparece en el tiempo histórico. Producto histórico, pero vinculado a la actividad económica y al paisaje, adaptado al ambiente”⁶ (Málishév y Sepúlveda Garza 1995, 115)⁷. “Son personas que se parecen entre sí, unidas por una autoconciencia común; que se determina por la complementariedad de sus miembros”. (Gumiliev 1985, 45). Dos o más componentes operan en la etnogénesis. “El cruce de varias etnias a veces produce una nueva forma estable” (p. 52). “La etnia es una categoría sociohistórica, cuya génesis y desarrollo están determinados por las leyes específicas del desarrollo de la sociedad” (p. 46) “El único criterio que se puede aplicar a todas las etnias es el reconocimiento de la identidad que cada una de ellas tiene de sí misma” (p.115). “No hay formas puras en el proceso histórico real, más bien variantes de contactos que surgen en territorios habitados por diferentes etnias” (p.72); incluso el origen común, que siempre es heterogéneo.

⁵ Etnólogo, geógrafo e historiador ruso (1912-1992). La traducción de su libro inglés-español, fue realizada por los autores del presente artículo. El libro disponible en internet, no tiene número de páginas.

⁶ En este sentido no hay que olvidar que cualquier grupo, debe en primer lugar: lograr la sobrevivencia de los individuos, su reproducción, su protección y apropiarse de un territorio con recursos.

⁷ Estos autores tradujeron y resumieron la teoría etnogénesis de Gumiliev, pero también incluyeron información de otros artículos del autor.

Cada etnia tiene su propia estructura y estereotipo de conducta [...] La ideología y la cultura son atributos de una etnia, pero no necesarios [...] Las etnias que están en proceso de desarrollo se encuentran en estado dinámico, esto es, cambian de una generación a otra [...] cada etnia por joven que sea tiene sus tradiciones, en caso contrario dejaría de existir y se disolvería entre sus vecinos [...] nadie puede negar que en el proceso de desarrollo de la humanidad hayan surgido y desaparecido etnias (p.116). La etnogénesis es todo el proceso: nacimiento, desarrollo y extinción de una etnia; supone también, que no todas las que nacen, van a desarrollarse; muchas desaparecen. Los miembros del colectivo no quieren hacer cambios, tampoco pueden imaginarlo; es necesario un fuerte impulso. Y sin embargo las etnias surgen de vez en cuando (Gumiliev 1985).

De acuerdo con este autor: “la formación de cada etnia, siempre se caracteriza por la intensa aspiración de algunos hombres a realizar actividades dirigidas a la transformación del ambiente social o natural” (p.241). Las nuevas etnias surgen en los territorios de coyuntura ambientales; donde se juntan los escapados de otras etnias. Las primeras generaciones frecuentemente perecen, o salen hacia las fronteras del área étnica (o sea, a los lugares de coyuntura con otras etnias y ambientes) donde comienzan nuevos sistemas.

El desarrollo de los sistemas étnicos incluye diferentes fases: 1) La ascensión,⁸ -donde predominan las personas utopistas- se desarrolla como resultado del impulso inicial y se caracteriza por la expansión activa de la nueva etnia en diferentes esferas (demográfica, económica, entre otras) cambia la estructura del sistema étnico, aparecen nuevos subsistemas e instituciones sociales; se forman nuevas jerarquías dominantes, que suelen contraponerse a las normas e ideales del viejo sustrato étnico.

Las etnias no existen en el aislamiento, sino en la interrelación de dos sistemas donde ninguno es subsistema del otro. En esta interrelación son posibles cuatro tipos de contacto: 1) negativo-quimera, 2) positivo-simbiosis, 3) neutral-xenia y 4) pasionario-confluencia de diferentes etnias en una nueva comunidad” (Gumiliev 1985, 123,124).

3.4 FENÓMENOS ÉTNICOS

La etnicidad y otros fenómenos étnicos son producto de los procesos migratorios post guerras mundiales (Luna, 2014). -Por ejemplo, la noción de identidad y los movimientos reivindicatorios fueron impulsadas por los amerindios para exigir sus derechos como primeras naciones-. Hay al menos dos perspectivas teóricas: 1) la historia regresiva, etnohistórica: la etnogénesis por el regreso de los antepasados; 2) la etnogénesis contextual, instrumental; para el análisis de fenómenos identitarios o de grupos étnicos (Obadia 2008). El nacimiento de una etnia va acompañado de diversos procesos políticos,

⁸ Las otras fases no se desarrollan aquí, solo las mencionamos: 2) Acmática, 3) Recalentamiento, 4) Fractura, 5) Oscuridad.

económicos de conflicto. Los indígenas comienzan a exigir sus derechos territoriales; se re-inventan en un nuevo escenario para no desaparecer. La etnogénesis ocurre en la dinámica de la imposición que ejercen los poderosos para someter a los pueblos originarios, o es una estrategia de los sometidos para resistir; está en la dimensión política y dentro de la lucha por la reafirmación identitaria (Hill 1996).

El término etnogénesis refiere a los procesos de emergencia, reactivación o movimientos reivindicatorios de una conciencia colectiva de grupos y minorías; productos de procesos migratorios, guerras, conflictos económicos o políticos. El territorio tiene gran importancia para que los grupos se re-inventen en los escenarios nuevos. Esta forma de conocimiento –conciencia colectiva- hace uso de un lenguaje común, en narrativas pseudohistóricas o rasgos fenotípicos. Y, uno de los elementos clave parece ser la necesidad de demarcación u oposición a grupos dominantes (Bonte y Izard 1992, 182:789).

Para el caso Sudamericano, la etnogénesis de los pueblos originarios ocurre en contextos postcoloniales. Las emergencias indígenas son producto de las demandas por sus derechos económicos, sociales y culturales; como un proceso de descolonización.⁹

4 ANÁLISIS Y SELECCIÓN DE PROCESOS

Gumiliev y Stavenhagen son contemporáneos¹⁰. Ambos tienen una visión amplia y compleja del proceso de la etnia y la etnogénesis; lo importante para este caso son las similitudes / coincidencias de los procesos que puedan complementarse. Con este objetivo en mente podemos concluir que: el surgimiento de nuevas etnias ocurre: a) en donde convergen diferentes ambientes –naturales/sociales, b) como resultado de cambios estructurales o c) por la combinación de componentes –dos o más poblaciones-. Así, ambos investigadores conciben a la etnia en un proceso y por lo tanto d) dinámico, en donde ocurren contradicciones, relaciones y cambios. Stavenhagen ve a la etnia en relación e) al Estado y f) al territorio; Gumiliev lo ve como parte de g) un sistema en donde identifica a diversos actores. Para ambos investigadores, el criterio que se puede aplicar a todas las etnias es h) el auto reconocimiento. Y de manera general ambos científicos podrían quedar enmarcados en una perspectiva materialista histórico /dialéctica. Luna (2014), reconoce también la importancia de la historia, los antepasados de los pueblos indígenas, así como el peso que tienen los procesos sociales presentes, en los

⁹ Hay al menos tres perspectivas sobre los afroamericanos: 1) afrodescendientes con una historia negada, olvidada/ ignorada; 2) como una etnogénesis situacional (Huerta, 2014); (Quecha, 2015); 3) y como la re-emergencia de una etnia africana latente en el inconsciente (Campos 2005). De éstas, la primera es la más trabajada y aceptada en la mayoría de los estudios; las otras apenas se han mencionado.

¹⁰ Gumiliev: sus publicaciones en ruso e inglés, sobre el tema de la etnia y etnogénesis, antecedieron por muchos años al trabajo de Stavenhagen.

escenarios nuevos; los grupos se reinventan como respuesta a la imposición que ejercen los poderosos. Es una lucha por la reafirmación de la identidad: ¿frente al Estado y otros grupos indígenas? (pregunta nuestra). Para Sudamérica, el proceso de etnogénesis tiene un punto de partida, al parecer indiscutible, i) la descolonización. Como parte de este proceso, surge j) el reclamo de los derechos. Está presente k) el territorio y sobre todo l) los nuevos escenarios, que podría ser el ambiente –natural, social o político- y sus cambios. Llama la atención que se mencione m) a la conciencia colectiva, las n) narrativas pseudohistóricas, o) los rasgos fenotípicos; y como elemento clave p) la oposición a grupos dominantes.

El concepto de etnogénesis es utilizado en el estudio de fenómenos q) tanto del pasado como del presente y relativos a lo étnico y a lo identitario, posee la flexibilidad suficiente para considerar r) los procesos de emergencias identitarias cada vez más distantes de los componentes étnico esencialistas, acarreado consigo una complejidad teórica integradora, que permite hacer abordables los fenómenos identitarios cada vez más complejos (Luna, 2014, p. 177). En el contexto global existen diversos casos de reivindicaciones identitarias que apelan a un reconocimiento ancestral y no existe un consenso sobre el enfoque teórico explicativo para abordarlos. El uso del concepto de etnogénesis ha estado ligado mayoritariamente s) a procesos de carácter etnohistóricos y es raro su uso en la explicación de t) fenómenos recientes, gran parte de ellos vinculados a los movimientos indígenas¹¹ u) post coloniales en América, África y Oceanía (Luna, 2014).

4.1 EL FACTOR “X”

Según el geógrafo ruso, él descubrió la magnitud que tiene el impulso de la etnogénesis, pero debía demostrar que tres factores están integrados en un esquema que permite: (1) la división y fragmentación de los pueblos; (2) la relación del pueblo con el territorio; y (3) la desaparición de una comunidad étnica, pasando por las fases de ascenso y caída. La coincidencia de las tres líneas develaría el factor “x” (Gumiliev 1985, 85); era la gran incógnita para determinar la conformación de una etnia y pareciera no tener una única respuesta, más bien se encontraría en una serie de fenómenos sociales.

En Europa, los estudios de etnogénesis se realizaron con una perspectiva etnohistórica, donde se buscaba encontrar los orígenes de las diferentes naciones que se debatían en las luchas por las autonomías internas (Luna, 2014, p. 171). El fenómeno de nuevas identidades, fundando el paradigma conocido como situacional –o enfoque

¹¹ Otras propuestas sobre la emergencia en América latina, - reetnificación y etnogénesis asociados a las construcciones identitarias indígenas (Bengoa 2009); Etnogénesis proceso de emergencia identitaria o resurgimiento (Hernández y Ruiz, 2011).

dinámico- llevaron a la creación del término etnicidad (p.172). Sin embargo, los grupos étnicos son construcciones sociales que tienden a la organización de la vida social y están sujetos a cambio constante. Los principios que permiten deconstruir una etnia son: en relación a su pasado, su composición interna, su articulación externa, y a las relaciones establecidas por los investigadores en sus terrenos (Amselle y M'Bokolo 2005). A diferencia de otros estudios, estos autores reconocen abiertamente el papel jugado por los investigadores al momento de definir un grupo étnico, donde es fundamental, el grado de interacción que el investigador ha tenido con el grupo. De esta manera queda develado un actor o factor x, externo en el proceso de etnogénesis. Quizá muchos no estén de acuerdo con esta propuesta, pero al menos hay que considerarla como posible e importante; sobre todo por la relación del investigador con las instituciones del Estado.

5 OPERACIONALIZACIÓN DE PROCESOS Y SUS REFERENTES EMPÍRICOS: TESTIMONIOS

En el análisis anterior identificamos los procesos, (a, b, c,...) que consideramos importantes para la definición operativa de la etnogénesis. En los párrafos siguientes haremos operativos cada uno de los procesos históricos, territoriales, políticos, culturales, socioeconómicos concretos, y quedarán enunciados como (A, B, C...). Es decir: el proceso teórico (a) tiene su referente empírico observable en la realidad, en el párrafo (A) y así consecutivamente (b) y (B). Estos referentes en la realidad, han sido observados por los actores sociales de la comunidad, investigadores y de alguna forma también han sido reconocidos por las instituciones del Estado. Consideramos que los procesos observados que a continuación seleccionamos implican la experiencia, vivida, o compartida de manera directa o no: a nivel regional, grupal, familiar o individual.

- A) El territorio en donde se ubican las comunidades afromexicanas comprende límites naturales, geográficos como el mar, la montaña, los límites de la división geopolítica de entidades federativas. Social y culturalmente están limitados por grupos indígenas vecinos y han participado en actividades económicas, históricas propias -aunque no exclusivas- como: minería, cultivo de algodón, tabaco, caña, ganadería, caza, pesca y recolección.
- B) La población afromexicana se encuentra en ese territorio como resultado de los cambios en los modos de producción y explotación, de un sistema de hacienda, -colonial- hacia una producción de auto subsistencia, de tenencia de tierra ejidal y pequeña propiedad -independiente.

- C) Es resultado de la combinación de diversos grupos de población extraídos del continente africano y su mezcla con la población española y los grupos indígenas originarios.
- D) Enfrenta contradicciones: no son africanos, ni se consideran propiamente afrodescendientes, o pueblos originarios, tampoco son indígenas; son mexicanos principalmente del medio rural – agricultores, marginados. Sin embargo, ellos aceptan algunas de sus características, como distintas a otros grupos.
- E) Busca relacionarse con las instituciones del Estado y han logrado cierto reconocimiento, municipal, estatal y federal.
- F) Ocupa un territorio controlado y dividido por el mismo Estado. Sin embargo, se reconocen como grupo en un territorio que se sobrepone a los límites de división geopolítica; sobre todo en la región de la Costa Chica, entre Oaxaca y Guerrero.
- G) Dentro del grupo se identifican líderes y actores académicos, culturales, religiosos, políticos y asociaciones civiles. Algunos han sido reconocidos en la historia oficial, como el negro Yanga en Veracruz, José María Morelos y Pavón, Vicente Guerrero, Melchor Ocampo; actualmente hay líderes políticos, culturales y sociales que trabajan en diferentes frentes a nivel local y regional.
- H) Se auto reconoce en contraposición principalmente con la población indígena originaria; si bien siempre han estado relacionados con esa población, no se asumen como parte de los pueblos indígenas.
- I) En la historia oficial, la población es identificada como un componente del proceso de explotación y colonización.
- J) En el siglo xxi, lucha por un reconocimiento constitucional estatal y federal. Para ello ha realizado reuniones de los pueblos negros en la región de la Costa Chica en los estados de Guerrero, Oaxaca, Veracruz y Coahuila.
- K) Está delimitando un nuevo territorio con base en la auto adscripción; y también por medio de las instituciones del Estado ¹².
- L) Los retos que ocasionan los cambios ecológicos, usos y explotación de la tierra como el turismo, urbanización, vías de comunicación entre otros, conforman nuevos escenarios naturales y sociales.
- M) La lucha por el reconocimiento constitucional de los afromexicanos está construyendo una conciencia social y política.

¹² Universidad Nacional Autónoma de México. Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas. Instituto Nacional de Antropología e Historia. Instituto Nacional de Estadística y Geografía.

- N) Entre la población están presentes las narrativas, sobre leyendas del origen de la población. Algunas se han ido construyendo con base en una oralidad, memoria, representaciones sociales entrelazada con documentos formales, locales y de experiencias individuales y grupales. De gran importancia son también el proceso de emigración, el turismo y los medios masivos de comunicación.
- O) Los rasgos fenotípicos –caderas, color de la piel, labios y tipo de pelo– considerados como de la población negra, son retomados en el lenguaje cotidiano en la literatura, pintura, música, bailes en la región y fuera de ella.
- P) Los grupos dominantes más importantes en esa región han sido: los indígenas, los hacendados, los caciques, militares, los partidos políticos, el gobierno y el narcotráfico.
- Q) Actualmente trata de construir una identidad –conciencia, pertenencia– basada en relaciones de parentesco, el trabajo, los relatos, las leyendas, el lenguaje, el cuerpo, prácticas y costumbres; en la música, fotografía, vídeo, la pintura, la danza; las relaciones con investigadores locales y externos, así como por las experiencias compartidas de discriminación y racismo.
- R) Puede ser una etnia en emergencia, compleja e, integradora; una construcción social.
- S) Los estudios etnohistóricos y etnografías realizados en ambas regiones son conocidos por algunos habitantes, aunque no necesariamente se asumen como propios o cercanos.
- T) Pero tampoco se ha planteado la posibilidad de constituir un nuevo grupo.
- U) Los movimientos indígenas como el del EZLN, han causado algún impacto, y son referencia.

6 OPERACIONALIZACIÓN DE LA EXPERIENCIA EN VERACRUZ

A continuación, describimos algunos hechos o procesos y las fuentes de información respectivas: od) observación directa, ii) comunicación personal, al) documentos, vídeos y otros de acceso libre. La información proviene de al menos dos grupos focales “ancestrales”, inicialmente patrilineales¹³. Por un lado los que se asumen “descendencia directa” de Yanga: los esclavos fugados, fundadores del primer pueblo libre, San Lorenzo de los negros. Por otro, los descendientes directos de los negros procedentes de la isla Martinica en el siglo veinte, y de quienes reconocen a cada una

¹³ Posteriormente la descendencia es de tipo cognaticia, de filiación bilateral.

de sus generaciones, hasta el presente¹⁴. Ambos grupos con relaciones de parentesco reales o ficticios; y concentrados debido a la formación de los ejidos y comunidades actuales, a partir de un centro –origen- poblacional: Mata Clara. Sin embargo, ambos grupos reconocen también su mezcla y relación con la población indígena de la región y con otros grupos de estados vecinos, principalmente: Oaxaca, Guerrero y Puebla; así como de mestizos procedentes de los estados de Guanajuato, Jalisco y Michoacán.

Yanga, un pueblo del estado de Veracruz, es conocido y publicitado como el primer pueblo libre de la esclavitud, del Continente Americano; lleva ese nombre en honor al Negro Yanga (fuente: od y ii). Las instituciones del gobierno federal (ya mencionadas), estatal (Salud) y municipal (Cultura) reconocen a la región de Yanga-Cuitláhuac como una zona de negros o afrodescendientes desde la época de las haciendas coloniales, -productoras de caña, trapiches y tabaco, - hasta el presente (fuente: od y ii). Personas de países Latinoamericanos, como Cuba, Nicaragua y Honduras principalmente, visitan la región para conocer a los negros mexicanos. Algunos han llegado a trabajar por temporadas o en su paso hacia Norteamérica y pocos se han quedado a vivir en la región (fuente: od, ii).

Investigadores y otros profesionales, estudiantes nacionales, extranjeros y diplomáticos, han visitado la región, atraídos por la historia de Yanga y la población negra actual (fuente: od, ii y al). Investigadores nacionales / extranjeros han realizado diversos estudios sobre la población afrodescendiente y la población actual¹⁵ (fuente: od, ii y al).

Las comunidades vecinas a los municipios de Yanga-Cuitláhuac reconocen que esas comunidades son de gente morena, negra (fuente: od y ii). Algunas familias de la región se asumen descendientes directos de Yanga, el líder de los cimarrones, negros fugados. Otros se asumen de descendencia “cubana” para indicar por allá; y en la comunidad de Mata Clara, demuestran que sus ancestros proceden de la isla caribeña Martinica (fuente: od y ii). Si bien actualmente hay fuerte tendencia a la endogamia, muchas familias de la región también reconocen, sin problema, en su genealogía familiar la participación indígena de los estados vecinos (fuente: od y ii). Siempre ha habido una frecuente relación con la población indígena, para las actividades agrícolas.

En 1904, Hilario Virgen Contreras, de la comunidad de Mata Clara, escribió un libro con versos para jaraneros, en donde demuestra su pertenencia a la región, comunidad y grupo; indica que ahí hay negros cimarrones y aunque no se asume como negro, reconoce que “su color es prieto y su pelo no es ordinario” (fuente: od y ii). Hilario fue entrevistado por el antropólogo, Gonzalo Aguirre Beltrán, quien posteriormente realizaría los estudios

¹⁴ Algunas personas mencionan que sus ancestros eran esclavos que se fugaron de un tren que se volteó en la ciudad de Córdoba; aunque no hacen relación alguna con la invasión francesa a México y los batallones de Martinica y Senegal.

¹⁵ Adriana Naveda, Patrick J. Carroll y Charles Rowell, entre otros.

de la población negra en México; después seguirían interrogando a Hilario y a su familia, otros visitantes e investigadores (fuente: od y ii).

Florentino Virgen Castro (FVC) –nieto de Hilario-, escribió un libro con la historia y crónica local, de su comunidad (fuente: od y al). FVC dedicó buena parte de su vida, como promotor cultural, a ser cronista de su pueblo y a difundir su historia. Él afirmó muchas veces, que su bis abuelo, Teodoro, era originario de la isla Martinica. Fuente: a y ii). FVC fue invitado, en varias ocasiones para visitar distintos países con población afrodescendiente –negra- en América y África (fuente: od y ii). FVC fue considerado un promotor cultural de la población negra veracruzana; reconocido por los gobiernos estatal/municipal, las empresas del entretenimiento, periódicos y revistas (fuente: od y ii). FVC comenta que cada año estudiantes, académicos, investigadores nacionales y extranjeros llegan a la región de Yanga y Cuitláhuac para conocer a su gente y su historia (fuente: od y ii).

Las personas de comunidades vecinas, identifican y reconocen a las comunidades negras de la región en los municipios de Yanga y Cuitláhuac. Cada año se realiza en esa región el carnaval afromexicano (fuente: od). Las instituciones de salud, del gobierno estatal, identifican y delimitan a las comunidades negras de la región de Veracruz (fuente: od). Los partidos políticos hacen campaña e incluyen a miembros de las comunidades negras, en algunas actividades promovidas por el estado y los municipios (fuente: od y ii). Las empresas e instituciones de cultura, entretenimiento, cine, radio y televisión han realizado noticias y reportajes sobre las comunidades negras del estado de Veracruz (fuente: od y ii).

Los habitantes de esa región cuando salen de sus comunidades hacia otras ciudades del país, han tenido experiencias de racismo y discriminación: las autoridades de otros estados dudan que sean mexicanos (fuente: od y ii). Los habitantes de esa región cuando emigran al extranjero, se alegran de ser confundidos con los afroamericanos porque reciben mejor trato en el trabajo y vida diaria (fuente: od y ii).

En el año 2017, en la región Yanga-Cuitláhuac se llevó a cabo el encuentro de pueblos negros, con la participación de líderes y miembros de comunidades de los estados de Coahuila, Guerrero, Oaxaca y Veracruz (fuente: od y ii). Instituciones federales (INEG, 2013) (CDI, 2012) han realizado consultas para conocer e identificar a la población afrodescendiente de la región (fuente: od, ii y al).

7 OPERACIONALIZACIÓN DE LA EXPERIENCIA EN LA COSTA CHICA

Hace unos 60 años, las ciudades de Pinotepa Nacional, Oaxaca y Cuajinicuilapa Guerrero, eran consideradas como centros de población negra; hoy ésta se concentra

en localidades rurales, pequeñas como: Santiago Tapextla, Santo Domingo Armenta en Oaxaca y San Nicolás, en Guerrero. En cada localidad hay familias arraigadas con relaciones de parentesco importantes, sin embargo, con facilidad señalan su origen en San Nicolás¹⁶. También reconocen su relación con otras poblaciones indígenas como en Ometepec, Guerrero. Identifican y difunden las figuras de José María Morelos y Pavón, y Vicente Guerrero, pero también al Negro Yanga. Hay organizaciones civiles que documentan sus movimientos sociales de reivindicación como afromexicanos o pueblos negros (fuente: od y ii).

Desde 1948 se han realizado diversos estudios antropológicos, culturales, etnohistóricos, históricos, sociomédicos, con la población considerada negra, afromestiza o afrodescendiente de esa región (fuente: al). En 1997 se inauguró el museo de las culturas afromestizas en la ciudad de Cuajinicuilapa Gro. (fuente: od). Un religioso originario de la isla Trinidad y Tobago promovió reuniones desde 1997, para el auto reconocimiento y aceptación de ser población negra; y para que expresaran sus experiencias de discriminación y racismo (fuente: od, ii y ac). Desde las primeras reuniones participaron personas negras de los Estados Unidos de Norteamérica y de otros países (fuente: od, ii y al). En los últimos 20 años se han organizado reuniones anuales (Reyes, Rodríguez, y Ziga 2012) en esa región, con motivos culturales, sociales, económicos y políticos (fuente: od, ii y al). La constitución política del estado de Oaxaca reconoce la existencia de los pueblos negros y el gobierno estatal tiene una oficina para su atención (fuente: od y ii). El gobierno del estado de Guerrero ha recibido varias iniciativas –en los últimos años– para que se reconozca a la comunidad afrodescendiente, negra o afromexicana, como parte importante de su población (fuente: od y ii). En la región hay varias organizaciones sociales que destacan su condición de negros, afrodescendientes, afromexicanos, que luchan por la atención y reivindicación de sus comunidades; por ejemplo, México Negro A.C., África A.C, Purpura (fuente: od y ii).

Actualmente hay tendencia a la endogamia en las comunidades, sin embargo, muchas familias de la región también reconocen, en su genealogía familiar la participación indígena de los estados de Guerrero, Morelos y Puebla (fuente: od y ii). Aun cuando hay ciertas manifestaciones de desprecio hacia la población indígena, es posible encontrar parejas, en donde uno de los cónyuges es hablante de lengua indígena (fuente: od y ii). Hay una frecuente relación en las actividades agrícolas, ganaderas y pesqueras, entre la población indígena y las comunidades afromexicanas (fuente: od). Existen organizaciones de trabajo compuestas por indígenas, mestizos y afromexicanos; por ejemplo, Ecosta A C. (fuente: od y ii).

¹⁶ Además de la ciudad de Pinotepa, Sn Nicolás es la comunidad más estudiada.

Santiago Tapextla, un municipio del estado de Oaxaca se ha declarado como afromexicano (fuente: od y ii). Han surgido líderes afromexicanos, que han ocupado puestos públicos a nivel estatal y municipal en los gobiernos de los estados de Oaxaca y Guerrero (fuente: od). Y han surgido promotores culturales que difunden diversas manifestaciones culturales –pintura, música, danza, fotografía; así como libros de intelectuales locales que relatan sus historia, experiencia e inquietudes sobre la población afromexicana (fuente: od, ii y al). Algunos líderes de la región declaran que no tienen problema alguno si les llaman negros (fuente: od y ii). Han tenido experiencias de discriminación en otras ciudades del país, por el color de su piel (fuente: od). Cuando emigran al extranjero reciben un mejor trato en el trabajo y vida diaria (fuente: ii). Instituciones educativas y de investigación¹⁷, así como del gobierno federal han realizado consultas, eventos e investigaciones para identificar a la población afrodescendiente de la región (fuente: od, ii y al).

8 DISCUSIÓN

Al igual que otros países latinoamericanos, la presencia de la población negra en México fue consecuencia del proceso colonial, en donde también inició su integración a través de diversas relaciones. Esa integración fue legalmente consumada por La Independencia, cuando La Constitución declaró la abolición de la esclavitud y el fin de la estructura de castas (Aguirre, Beltrán 1946). Tanto en la Independencia como en la Revolución Mexicana esa probable integración ocurriría dentro de un contexto político de Estado, para eliminar las diferencias y construir la nación mexicana mestiza, integrada. Además, “El negro, ciertamente, no pudo reconstruir en la Nueva España las viejas culturas africanas de que procedía” [...] en ningún caso persistió como negro puro, ni biológica ni culturalmente” (Aguirre, 1958, pp. 8-11). Si bien, es posible encontrar pueblos con historia de grupos cimarrones, fugados, de plantaciones o ingenios, rebeldes; que quedaron entre una casta y otra, en antiguas regiones inhóspitas, dedicadas antes y hoy a la agricultura; no llegan a construir pueblos o comunidades étnicas (Aguirre, 2005, p. 364).

“Aún los grupos que hoy pudieran ser considerados como negros, aquellos que, en virtud de sus aislamiento y conservatismo, lograron retener características somáticas predominantemente negroides y rasgos culturales africanos, no son, en realidad, sino mestizos, productos de una mezcla biológica y resultantes de la dinámica de la aculturación” (p. 8)¹⁸.

¹⁷ Universidad Nacional Autónoma de México, Universidad Autónoma Metropolitana- Ixtapalapa, Escuela Nacional de Antropología e Historia.

¹⁸ Sin embargo, Aguirre formula una interesante antítesis: Los estudios afroamericanistas lograron el descubrimiento del negro en México; de esta manera se considerará al negro, cuando se realicen estudios culturales.

Esta conclusión tiene sentido y justificación desde una perspectiva nacional, para la historia oficial y para el Estado; pero no da respuesta a esa historia matricia¹⁹, local, de las experiencias vividas y compartidas. Cada espacio y periodo determinaron procesos sociales y culturales que vivieron los africanos y sus descendientes. Procesos que originaron un nuevo tejido étnico, social, económico, político y cultural con desigualdades y contradicciones (Florescano 1992); “[...] el mestizaje no es necesariamente disolución y negación (*integración*) que limita la diversidad y pluralidad; es también recomposición y creación”. “[...] ¿Cómo entender los procesos y construcciones culturales sin disolver o negar la presencia africana? ¿Cómo no imponer al pasado el significado cultural del presente?”. “Reconocer las limitaciones de estos términos (*integración* y *mestizaje*²⁰) permitiría enriquecer nuestros análisis y dotar a los sujetos y grupos sociales, de la historia que les pertenece. Ello no significa negar desarrollo, transformaciones y nuevas realidades”(Maria Elisa Velázquez y Hoffmann 2007, 67,68) (aclaración nuestra).

Fanon argumenta que sobre el proceso descolonial, la liberación –independencia o revolución- en sí no es suficiente, si no se reconstruye la sociedad. Considera que la búsqueda o construcción de identidad es dar pasos atrás. Se requiere llegar a una explicación sociogenética sobre la base de la experiencia histórica (historia social²¹) y la conciencia dual (ellos y nosotros). Principalmente, es necesario tomar conciencia de la situación actual, para recrear al país y así mismos²². La alienación requiere de un nuevo hombre, en donde las estructuras cambien. Fanon tal vez pensaba en la nueva nación, y no pudo ver que una nueva etnia podía ser la alternativa. Aguirre Beltrán estuvo a un paso de decirlo, cuando reconoce que los individuos africanos no tuvieron oportunidad de reproducir su cultura y que los negros actuales son negros mexicanos, pero tampoco vio la posibilidad de una nueva etnia. Velázquez y Hoffman, comprenden la importancia de la historia y la complejidad del mestizaje; pero buscar y reconstruir los eslabones de una historia lineal²³ –prospectiva- conlleva el riesgo de imponer al presente, una historia: la afrodescendencia, y la homogenización.

¹⁹ la historia matricia: la que se vive y se percibe en el terruño; que se cuenta más que se escribe, valora lo particular y lo cotidiano, y desconfía de los discursos de unidad, que no pocas veces justifican la opresión (González 1969).

²⁰ Mestizaje e integración pueden ser considerados conceptos ideológicos de la política de Estado, para eliminar las diferencias creadas durante el periodo colonial.

²¹ Esta historia en relación con la antropología nos aleja de un determinismo económico, y de una noción funcionalista de la cultura, la ideología y las instituciones (Edward Palmer Thompson 1994, 16).

²² Para reflexionar: en mi opinión, el EZLN, ha pasado por un proceso de descolonización y ha logrado la construcción social/política de -un hombre nuevo- un pueblo nuevo: con historia, narrativas locales, territorio coyuntural, con relación al Estado, auto reconocimiento con base en experiencias individuales y grupales; cambiando las estructuras sociales y políticas. Prácticamente ha pasado por todo un proceso como el descrito en las páginas anteriores.

²³ “...para proponer una lectura más articulada del continuo histórico.”(Castañón González 2006).

Por otro lado, parece que es radicalmente complejo esperar que el resultado del mestizaje, recomposición o nuevo tejido social conduzcan a nuevas realidades, aun cuando lo considere la teoría. Una explicación puede ser: que la historia y etnohistoria han sido elaboradas en primer lugar, para atender las preguntas e intereses de la academia y del Estado. Ambas disciplinas en su relación con la antropología, tienen ahora el reto de contribuir y acompañar a los actores –pueblos negros, negrodescendientes, afroamericanos o moscosgos- a transformar las estructuras, las relaciones; a tomar conciencia –social y política- de quiénes son, cuántos, en dónde están; sus necesidades, las condiciones de marginación, discriminación y los derechos. Lo anterior, en un contexto político actual de no discriminación, reconocimiento y tolerancia a las diferencias; desarrollo y justicia.

La mayor dificultad en este proceso, es que somos expertos para estudiar el pasado, hechos, no procesos; y tenemos pocas herramientas teóricas-metodológicas para proyectar el futuro. ¿Cómo no imponer al presente, el significado del pasado? La etnogénesis es un proceso presente y son varias las posibilidades. Más importante aún, es que los grupos señalados pueden tomar las decisiones sobre su presente y futuro. Pero en todas ellas va estar implicado el Estado, el territorio, las relaciones sociales y políticas, las experiencias familiares e individuales y el factor x. Los afroamericanos son actores del presente y pueden construir su pasado y futuro: la etnogénesis. Ésta tiene al menos dos caminos posibles: la etnohistoria para la búsqueda y reconstrucción, retrospectiva -a partir del presente-, de sus relaciones verticales y horizontales; o la historia social, la recopilación y análisis de la experiencia vivida²⁴, compartida, articulada y reconocer que es un movimiento con base en la voluntad de sujetos y grupos negros que desean transformar la realidad.

9 CONCLUSIONES

La población africana fue introducida en la Nueva España, se distribuyó por todo el territorio y se relacionó con los pueblos originarios. Sus descendientes han participado en diferentes etapas de la formación del Estado mexicano, en lo político, social, económico y militar. Sin embargo, no tuvieron oportunidad de conservar y reproducir sus antiguas culturas originarias y hoy son parte del mestizaje a través de un complejo de relaciones entre los individuos y grupos en los diversos contextos socioambientales²⁵.

²⁴ Ziga (2018) habla de la historia viva, una historia actual, resultado de experiencia de generaciones. Similar a la historia matría de Luis González, (1968).

²⁵ “resulta indudable que al interior de los Estados nacionales existieron de manera larvada sentimientos de identidad étnica, que no fueron eliminados completamente por el Estado-Nación, al promover la homogenización de la sociedad”. (Prado, 2004, p. 38).

El proceso de etnogénesis difícilmente puede ser cuestionado. La historia de la humanidad demuestra cómo se agrupan y desarrollan las poblaciones hasta adquirir características distintas a otros grupos. Es demostrable que: así como algunas etnias ya desaparecieron, otras más surgieron y se desarrollaron. En Latinoamérica la socioetnogénesis está considerada como una de las respuestas a la descolonización. Para el caso mexicano, el detonante de la socioetnogénesis negrodescendiente es el contexto histórico-político ya señalado. No hay que dejar de lado el referente y testimonio que es la población indígena: lograron ser reconocidos por la Colonia y el Estado mexicano. Con un movimiento armado (EZLN) vuelven a exigir reconocimiento y justicia; y frente a un nuevo gobierno (2019) logran posesionarse²⁶. Mientras tanto los pueblos negros no fueron “integrados” y quedaron invisibilizados y en riesgo de diluirse.

La identidad, auto adscripción y reconocimiento como pueblos negros, así como la toma de conciencia social y política han tomado impulso con base en los nuevos escenarios y en las recientes experiencias –encuentros, encuestas y participación en eventos diversos-. Experiencias que buscan relaciones, para articular discursos y posturas actualizadas. Las narrativas pseudohistoricas se continuarán creando, inventando y manifestando en las costumbres, tradiciones, leyendas, libros, cuentos y cantos; los rasgos fenotípicos se irán acentuando con la endogamia, el vestido, el peinado, las máscaras y el maquillaje. Sin embargo, el territorio las relaciones de parentesco y las características físicas conforman el núcleo duro de este proceso para la construcción de la socioetnogénesis de los negrodescendientes.

10 AGRADECIMIENTOS

Dr. Luis Reygadas Robles Gil. Investigador de la Universidad Metropolitana, Unidad Ixtapalapa. Ciudad de México; por sus comentarios, sugerencias y disposición al diálogo interdisciplinario.

REFERENCIAS

Aguirre, Beltrán, Gonzalo 1946. *La población negra de México, estudio etnohistórico*. 1989a ed. México: Fondo de Cultura Económica.

Aguirre, Beltrán, Gonzalo 1958. *Cuijla: Esbozo etnográfico de un pueblo negro [Cuijla: Ethnographic sketch of a black town]*. 2da ed. Vol. VII. Obra Antropológica. Fondo de Cultura Económica.

Aguirre, Beltrán, Gonzalo 2005. “La presencia del negro en México”. *Revista del CESLA. International Latin American Studies Review*, núm. 7: 351–67.

²⁶ En este año el Estado crea el nuevo Instituto Nacional de los Pueblos Indígenas.

- Amselle, Jean-Loup, y Elikia M'Bokolo 2005. *Au cœur de l'ethnie. Ethnies, tribalisme et État en Afrique* [éd. revue et augmentée, 1ère éd. 1985.]. Paris: La Découverte.
- Barth, Fredrik 1976. *Los grupos étnicos y sus fronteras*. Vol. 197. 6. México: Fondo de cultura económica.
- Bengoa, José 2009. "¿Una segunda etapa de la Emergencia Indígena en América Latina?" *Cuadernos de antropología Social*, núm. 29: 07–22.
- Bonte, Pierre, y Michel Izard 1992. *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*. Vol. 182. Universitaires de France.
- Campos, Luis Eugenio 2005. "Caracterización étnica de los pueblos de negros de la Costa Chica de Oaxaca. Una visión etnográfica". En *Poblaciones y culturas de origen africano en México*, 411–25. Instituto Nacional de Antropología e Historia.
- Castañón González, G 2006. "Prólogo". En *Afro América, I*. La ruta del esclavo.
- De Oto, Alejandro 2009. "Frantz Fanon en el siglo: Sobre ciertas persistencias en el pensamiento latinoamericano". *Estudios de filosofía práctica e historia de las ideas* 11 (2): 21–30.
- Fanon, Frantz 2009. *Piel negra, máscaras blancas*. Vol. 55. Ediciones Akal.
- Florescano, Enrique 1992. *El nuevo pasado mexicano*. Cal y arena.
- González, Luis 1969. "Pueblo en Vilo: Microhistoria de San José de Gracia". *The American Historical Review*. <https://doi.org/10.1086/ahr/75.2.623>.
- Gumiliev, Lev 1985. *Ethnogenesis and the biosphere*. Moscú.
- Hernández-Ramírez, Macarena, y Esteban Ruiz-Ballesteros 2011. "Etnogénesis como práctica. Arqueología y turismo en el pueblo manta (Ecuador)". *AIBR Revista de Antropología Iberoamericana*.
- Hill, Jonathan D 1996. *History, power, and identity: ethnogenesis in the Americas, 1492-1992*. University of Iowa Press.
- Huerta Varela, Itza Amanda 2014. "Proceso de indentificación de los pueblos negros de la costa chica en México: usos de la cultura en la construcción de su etnogénesis". *Intersticios de la política y la cultura. Intervenciones latinoamericanas* 3 (5): 53–67.
- Illades, Carlos 1997. "Introducción". En *Historia Social y Antropología*, 1ra reimpression. Cuadernos secuencia. Instituto Mora.
- Luna Penna, G 2014. "The critical trajectory of the concept of ethnogenesis". *Logos* 24 (2): 167–79.
- Málishev, Mijail, y Manola Sepúlveda Garza 1995. "Teoría sobre etnia y etnogénesis de León Gumiliov". *Dimensión Antropológica, México* 4: 113–31.
- Martinez-Montiel, Luz Ma, ed 1995. *Presencia africana en México*. 1ra ed. CONACULTA.
- Mignolo, Walter 2009. "Frantz Fanon y la opción decolonial: el conocimiento y lo político". En *Piel negra, máscaras blancas*, 309–26. Akal.
- Obadia, Lionel 2008. "Cartographie critique des usages et des significations attribués au concept d'ethnogenèse dans les globalization studies". *Parcours Anthropologiques*, núm. 6: 7–27.

- Prado-Arellano, Luis Ervin 2004. "Etnogénesis: El cuestionamiento del Estado Nación en el mundo contemporáneo." *Reflexión política* 6 (11): 30–38.
- Quecha Reyna, Citlali 2015. "La movilización etnopolítica afrodescendiente en México y el patrimonio cultural inmaterial". *Anales de Antropología*, 2015.
- Reyes, I., N. Rodríguez, y F. Ziga 2012. *De Afromexicanos a Pueblo Negro*. 2da ed. UNAM México.
- Saucedo Arteaga, Gabriel J, Marlen Garcia, y Florentino Virgen Castro 2008. "Socio-Economic and Health Conditions of an Afro-Mexican Rural Population in the State of Veracruz, Mexico, 2007". *Callaloo* 31 (1): 147–62.
- Saucedo-Arteaga, Gabriel J., y Carlos A. Aguilar-Salinas 2015. "Afromexicanos en la Costa Chica de Guerrero-Oaxaca y en Veracruz, condiciones materiales de vida y salud". *Diario de Campo*, núm. 10–11: 112–20.
- Stavenhagen, Rodolfo 1992. "La cuestión étnica: algunos problemas teórico-metodológicos". *Estudios sociológicos*, 53–76.
- Thompson, Edward P 1981. "Miseria de la teoría, Barcelona". *Crítica* 52.
- Thompson, Edward Palmer 1994. *Historia social y antropología*. 1ra ed. Cuadernos secuencia. Instituto Mora.
- Velázquez, Ma Eliza, y Ethel. Correa 2005. *Poblaciones y culturas de origen africano en México*. Instituto Nacional de Antropología e Historia.
- Velázquez, María Elisa, y Odile Hoffmann 2007. "Investigaciones sobre africanos y afrodescendientes en México: acuerdos y consideraciones desde la historia y la antropología". *Diario de campo*, núm. 91: 62–68.
- Zermeño-Padilla, Guillermo 2008. "Del mestizo al mestizaje: arqueología de un concepto". *Memoria y Sociedad* 12 (24): 79–95.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaria de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Organizadora de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III, IV, V) (2021). Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándome en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaria de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Organizador de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III, IV, V) (2021). Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Academic performance 100, 102, 108, 216

Adolescência 204, 205, 206, 207, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Afrodscendentes 120, 244, 245, 246, 251, 254, 256, 258, 264

Ambiente virtual 90, 93

Antropologia 39, 40, 43, 52, 53, 254, 259, 260, 261, 263, 264, 280

Aprendizaje 32, 33, 34, 90, 91, 92, 96, 97, 98, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 123, 129, 130, 135, 136, 137, 139, 141, 145, 146, 147, 148, 150, 155, 165, 176, 177, 226

Aptitudes 163, 165, 166, 171

Atlántico 351, 353, 355, 356, 357, 358, 359, 360

B

Bandera Argentina 340

Bienestar 21, 223, 224, 226, 308, 311, 316, 330, 331, 332, 333, 339

Biografia 198, 202

B-learning 90, 91, 92, 97

C

Cadena de Markov 155, 157

Calidad educativa 109

Capital social 265, 266, 267, 270, 271, 274, 275, 276, 277, 326

China 197, 216, 351, 352, 353, 354, 355, 357, 358, 359

Ciudades Inteligentes 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 326, 327, 328, 329

Coefficiente de correlación 163, 166, 167, 168

Condiciones de vida 129, 330, 331, 332, 335, 337, 338

Cooperativas sociales 218, 219, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228

Crianças bilíngues 1, 2, 13, 14, 15

Cultura 17, 18, 19, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 37, 46, 49, 50, 51, 123, 126, 127, 128, 132, 175, 177, 187, 227, 247, 249, 250, 256, 257, 260, 262, 263, 289, 318, 326, 339

Cultura y tradiciones 32

D

Desarrollo cognitivo 163, 164, 165, 166, 169, 170

Descolonización 244, 246, 247, 251, 252, 260, 262

Desigualdades 120, 260, 270, 330, 331, 333

Diamond 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 302, 303, 305

E

Economía 109, 111, 113, 116, 134, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 307, 308, 309, 312, 313, 315, 316, 318, 322, 328, 339, 353, 359, 360

Economía social 218, 219, 220, 221, 222, 223, 226, 227, 228

Ecuaciones en Diferencias 148, 149, 150, 153, 155, 162

Educação 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 14, 16, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 52, 54, 55, 59, 88, 108, 213, 243, 273, 274, 276

Educação Básica 55

Educação infantil holística 1

Educación 19, 22, 31, 37, 53, 89, 91, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 143, 150, 162, 177, 178, 185, 188, 196, 278, 307, 318, 325, 326, 330, 332, 333, 335, 336, 340, 341

Educación Popular 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134

Educación superior 91, 100, 109, 110, 307

Egas Moniz 198, 199, 200, 201, 202

Enseñanza-aprendizaje 109, 113, 115, 117

Escuela 103, 108, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 131, 132, 149, 172, 259, 308, 339, 348, 349

Estado de Tamaulipas 317, 322, 329

Estudiantes 90, 91, 92, 93, 95, 98, 100, 108, 114, 115, 117, 118, 123, 124, 135, 146, 148, 155, 172, 179, 185, 189, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 256, 257, 316, 326

Estudiantes de Psicología 90, 93, 98

F

Familia Echevarría 340

Filosofía del derecho 278, 279, 282, 283, 287, 289

Focus group 204, 208, 209, 210, 214, 215, 216

G

General Franco 229, 230, 235

Geociências 55, 65, 85, 87, 88

Geologia 55, 63, 89

Geopolítica 253, 254, 351, 352, 359, 360

Gran Bretaña 351, 353, 355, 356, 357, 358, 359
Grounded theory 204, 208, 216
Grupo étnico 244, 249, 253
Guerra Civil 229, 232, 235, 239, 241, 242, 243, 248, 249

H

Hegel 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 302
Historia 8, 14, 46, 52, 126, 129, 134, 192, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 218, 221, 224, 225, 226, 229, 230, 231, 237, 242, 244, 245, 247, 248, 250, 251, 254, 256, 257, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 271, 282, 288, 289, 296, 298, 307, 308, 316, 332, 340, 342, 343, 345, 346, 348, 349, 350, 360
História da Psiquiatria 198, 202
Historia de vida 14, 218
Historia social 244, 247, 260, 261, 263, 264

I

Identidad 17, 18, 26, 29, 32, 130, 146, 179, 180, 181, 183, 187, 223, 227, 245, 248, 249, 250, 252, 255, 260, 261, 262, 282, 285, 347
Idiomas 4, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38
Índico 351, 353, 355, 356, 359
Innovación 90, 92, 98, 109, 111, 113, 114, 117, 182, 183, 319, 326, 327
Inovação 55, 88, 234, 266, 273
Insomnio 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197
Interacción 114, 128, 129, 131, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 144, 145, 146, 176, 180, 194, 253
Investigaciones Filosóficas 290, 293, 294, 295, 304, 306

K

Kahoot 32, 33, 34, 38

L

Libertad 125, 128, 132, 143, 278, 279, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 309, 312, 316, 339, 340, 341, 344, 345, 347

M

Manuel Belgrano 340, 341, 342, 348, 360
Materiais Didáticos 55, 59

Matriz de transición 148, 150, 151, 152, 155, 157, 158, 159, 160, 161
Mercantilismo 307, 308, 309, 311, 312, 313, 316
Metodología 2, 19, 53, 55, 57, 87, 90, 93, 108, 113, 115, 150, 158, 172, 174, 177, 181, 184, 186, 189, 194, 204, 207, 208, 209, 213, 214, 215, 218, 244, 246, 276, 323, 334
Metodología cualitativa 218
Métodos de investigación 172, 173, 185, 186, 188
Métricas alternativas de investigación 173
México 20, 24, 25, 26, 28, 31, 32, 90, 98, 131, 132, 133, 153, 162, 171, 187, 244, 245, 254, 256, 257, 258, 259, 262, 263, 264, 289, 309, 317, 319, 320, 321, 329
Migração 1, 7, 12
Modelo Digital 317
Modelos Compartimentados Discretos 147, 148, 154, 155, 157
Modelos Matemáticos 149, 148, 150, 153, 162, 174
Mounce 290, 291, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305
Mujeres 21, 133, 195, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 346
Mundivídências 39, 43, 47, 52
Music 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

O

Occidente 307, 309
ONGs 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276

P

Políticas sociales 218, 219, 223, 225, 226
Proyectos educativos 109, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118
Psicomotricidad 163, 165, 166, 171

R

Rádio Clube Português 229, 230, 232, 233, 234, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 243
Realismo 290, 291, 292, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 304, 305
Redes sociais 265, 266, 267, 268, 271, 273, 275, 276
Relação familiar 204, 214

S

Segunda natureza 278, 279, 280
Simbolismo 17, 23, 29

Simulación 148, 150, 152, 153, 155, 159, 160, 161, 162

Students 40, 56, 91, 99, 100, 103, 104, 105, 107, 108, 136, 148, 155, 173, 188, 190, 196, 197

Sueño 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 345

T

Teorías pedagógicas 1

Territorio 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 29, 30, 121, 126, 132, 188, 221, 230, 235, 244, 245, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 260, 261, 262, 323, 332, 342, 353, 355

Trivia virtual 32, 33, 35, 36, 37, 38

U

University 1, 31, 91, 100, 103, 104, 107, 108, 110, 119, 133, 136, 155, 196, 263, 276, 277, 305, 328, 339

V

Valoración 20, 114, 129, 182, 186, 330, 331, 332, 333, 337, 338

Violencia y Paz 119

Voluntad 25, 261, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289

W

Wittgenstein 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306